

RESUMOS DE E DISS

RESUMOS DE TESES
E DISSERTAÇÕES

**TRANÇANDO O PODER:
DESLOCAMENTO TERRITORIAL E
SISTEMAS DE CONHECIMENTO
INDÍGENA ENTRE TRÊS GRUPOS
KAIABI NA AMAZÔNIA BRASILEIRA**

Simone Ferreira Athayde

Tese de Doutorado (original em inglês). School of Natural Resources and the Environment (SNRE) e Tropical Conservation and Development Program (TCD). Gainesville, Flórida: Universidade da Flórida, 2010.

As terras indígenas são responsáveis pela conservação de cerca de 21% da Amazônia brasileira, representando a principal barreira contra o desmatamento. Esta pesquisa contribui para a compreensão da relação entre poder político, resiliência sociocultural e controle territorial entre povos indígenas na Amazônia. São explorados os fatores que podem levar à persistência ou à perda do conhecimento indígena após eventos de deslocamento geográfico. Defendo que a resistência cultural e ambiental são interligadas, de modo que manter o conhecimento tradicional leva a um maior controle territorial das terras indígenas amazônicas. Nesta pesquisa, é aplicada a teoria dos sistemas sócio-ecológicos complexos e a perspectiva da resiliência para explorar os efeitos de fatores históricos, ambientais, políticos, sócio-econômicos e culturais em sua interação com um domínio específico do conhecimento indígena: o conhecimento do trançado de cestos entre os homens e da tecelagem entre as mulheres.

Os Kaiabi falam uma língua do tronco

Tupi-Guarani e são grandes agricultores e trançadores de cestos. A maioria da população foi transferida pelo governo brasileiro de seu território ancestral na bacia do rio Tapajós para a região do Parque do Xingu entre 1950 e 1966. Dois pequenos grupos permaneceram na terra ancestral, um no Rio dos Peixes e outro no rio Teles Pires. A transferência para o parque trouxe mudanças na organização social e política dos Kaiabi, bem como no acesso e gestão dos recursos naturais. Quarenta anos após a transferência, os Kaiabi do Xingu se adaptaram às novas condições, criando mecanismos de perpetuação cultural e controle territorial. Em contraste, os grupos que permaneceram na terra ancestral vêm perdendo muitos aspectos de sua cultura tradicional.

Estudos transversais e longitudinais foram realizados a fim de comparar a dinâmica de conhecimentos relacionados à cestaria e tecelagem entre 114 homens e 110 mulheres em quatro aldeias envolvendo três grupos Kaiabi em um período de cinco anos. Foram explorados fatores que levaram à persistência cultural e empoderamento político dos Kaiabi do Xingu, em contraste com os outros dois grupos, bem como as perspectivas das comunidades sobre o papel e o trabalho das organizações políticas.

Os resultados mostram que o conhecimento tradicional está sendo ao mesmo tempo inovado e erodido entre os Kaiabi, e que auto-determinação, liderança e inovação são mecanismos fundamentais para a resiliência cultural entre povos indígenas brasileiros. Enquanto nas áreas do Xingu e Teles Pires tem ocorrido

inovação, geração e transmissão de novos conhecimentos, no Rio dos Peixes o conhecimento e a língua nativa estão sendo perdidos em um ritmo mais rápido e a transmissão está comprometida. Um maior empoderamento político dos Kaiabi no Xingu através de sua associação em contraste com as duas outras áreas, aliado ao desenvolvimento de projetos comunitários, tem influenciado a perpetuação do conhecimento indígena e dos mecanismos para a sua transmissão entre gerações. No caso Kaiabi, o isolamento territorial combinado com apoio político e liderança local levou a uma maior resiliência cultural e ambiental do grupo xinguano em comparação com as duas outras áreas.

VIVENCIANDO A REDE DE APOIO SOCIAL DE PESSOAS COM HIPERTENSÃO ARTERIAL DE UMA COMUNIDADE NA AMAZÔNIA

Roseneide dos Santos Tavares

Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (DINTER). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina / Universidade Federal do Pará, 2010.

O apoio social é um elemento importante que contribui para a proteção e melhoria da saúde das pessoas, e a formação de redes de apoio canaliza esta ajuda para a resolução de problemas de saúde, dentre outras demandas. Dessa forma, o presente estudo busca compreender a rede de apoio social de pessoas com hipertensão arterial moradoras de uma comunidade na cidade de Belém e construir uma proposta teórica sobre as interações que

constituem esta rede de apoio. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujo referencial metodológico foi a Teoria Fundamentada nos Dados – *Grounded Theory*, desenvolvida na Unidade Municipal de Saúde Satélite na Cidade de Belém, no Estado do Pará, Brasil. Os sujeitos da pesquisa foram 35 pessoas, das quais 22 com hipertensão arterial, cadastradas no Programa HIPERDIA da Unidade de Saúde Satélite e 13 que integraram a Rede de Apoio Social, sendo cinco familiares, cinco profissionais de saúde da referida instituição e três representantes de outras organizações da comunidade. A coleta de dados ocorreu predominantemente na Unidade de Saúde, mas também no domicílio e no local de trabalho de algumas pessoas. Foram realizadas entrevistas em profundidade, inicialmente orientadas pelas seguintes questões: a) *Como você descobriu que tinha hipertensão arterial?* b) *Como é viver com hipertensão arterial?* A partir dessas perguntas, foram explorados os aspectos relacionados ao apoio para viver com a doença, iniciando o delineamento da formação da Rede de Apoio Social. A análise dos dados foi realizada com uso de processos de codificação aberta, axial e seletiva. Formamos seis grupos amostrais caracterizando a amostragem teórica. A Teoria Substantiva que emergiu foi denominada “Vivenciando a Rede de Apoio Social de Pessoas com Hipertensão Arterial”. Esta foi sustentada pelas seguintes categorias: “Reconhecendo as demandas da pessoa com hipertensão arterial”; “Conhecendo os cenários do viver daqueles com hipertensão arterial”; “Identificando os tipos de apoio social oferecidos às pessoas no seu viver com hipertensão arterial”; “Utilizando as interações como

estratégia para receber o apoio da rede para um viver melhor com hipertensão arterial”; “A rede como apoio para um viver melhor com hipertensão arterial”. Este Modelo Teórico confirmou a Tese de que a Rede de Apoio Social da pessoa com hipertensão arterial contribui para um viver melhor com a cronicidade da doença, atendendo às demandas surgidas nos diversos contextos vivenciados. Esta contribuição ocorre através de diferentes formas de apoio, originado das interações entre os integrantes da Rede, permeado por facilidades e dificuldades que são enfrentadas no intuito de construir um viver mais saudável. A rede de apoio à pessoa com hipertensão arterial não se mostrou tão extensa. É composta principalmente por familiares, profissionais de saúde, vizinhos e outras pessoas próximas. O Modelo Teórico foi validado pelos critérios de ajuste, compreensão e generalização teórica. Esperamos que o modelo tenha condições de ser agregado ao fazer da enfermagem, como uma possibilidade de trazer avanços para um cuidar mais dinâmico da pessoa com hipertensão arterial, por acreditarmos que é possível uma associação entre as orientações verbais e ações práticas que englobem tanto as pessoas com hipertensão arterial, quanto profissionais de saúde e comunidade.

TESTEMUNHOS FUNERÁRIOS DA ILHA DO MARAJÓ NO MUSEU DR. SANTOS ROCHA E NO MUSEU NACIONAL DE ETNOLOGIA - INTERPRETAÇÃO ARQUEOLÓGICA

Joanna Troufflard

Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Arqueologia. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2010.

Esta investigação baseia-se no estudo de dois conjuntos de vestígios arqueológicos recolhidos em contextos funerários na ilha do Marajó (Pará, Brasil) existentes em Portugal. Os oito fragmentos presentes hoje no Museu Dr. Santos Rocha (Figueira da Foz) provêm do sítio do Pacoval, na região do lago Arari, e foram depositados na instituição no final do século XIX. Deste conjunto destaca-se a presença de uma tanga inteira, dois fragmentos de outras, uma cabeça antropomórfica assim como um provável fragmento de urna funerária. O contexto da sua recolha é desconhecido e pertence a um período em que foram realizadas várias expedições à ilha com o objectivo de reconhecer vestígios da cerâmica policrômica marajoara. Nesta época formaram-se grandes colecções museológicas hoje repartidas por museus brasileiros, norte-americanos e europeus.

A história das peças presentes nas “Galerias da Amazônia”, reservas musealizadas do Museu Nacional de Etnologia (Lisboa), é mais recente, tendo origem numa recolha encomendada pelo próprio Museu nos anos 60 do século XX. A expedição à ilha foi realizada pelo antiquário e arqueólogo amador por-

tuguês Victor Bandeira, acompanhado por Françoise-Carel Bandeira, no ano 1964/65. Foi escavada uma necrópole do período clássico da fase Marajoara (700-1100), o teso dos Camutins, situado no conhecido sítio d' "Os Camutins", na região do rio Anajás. Lembramos que este sítio tinha sido antes escavado por Betty Meggers e Clifford Evans e foram também realizados trabalhos de campo no início do século XXI pela equipe de Denise Schaan, dando corpo a um conjunto de informações que foram muito importantes para a análise dos artefatos da coleção do M.N.E. O espólio recolhido, composto por várias centenas de fragmentos e algumas peças inteiras de excepcional qualidade, foi adquirido em 1969 pelo Museu. O conjunto representa uma coleção inédita de objetos ameríndios em Portugal, sendo alguns deles particularmente raros, conforme pudemos constatar durante a nossa análise. Destaca-se, dentre as peças que compõem este conjunto, uma estatueta antropomórfica maciça, pintada, com cerca de 35 cm de altura, em posição sentada e com os braços posicionados de forma invulgar. Apesar de a escavação de Victor Bandeira se ter revestido de um carácter pouco científico, preservou-se uma única e preciosa informação de campo: a associação existente entre objetos e urnas funerárias na necrópole. Desta forma foi possível fundamentar hipóteses sobre gênero e *status* dos indivíduos ali enterrados. Sublinhamos que as urnas são peças de destaque nesta coleção, tanto do ponto de vista quantitativo como pelo seu estado de conservação. Possuem uma iconografia riquíssima, de onde se des-

tacam urnas típicas da fase Marajoara, nomeadamente as de carácter ornitomórfico e aquelas que apresentam uma figuração de "rosto sorridente" no colo. Os objetos das duas coleções estudadas foram comparados, destacando-se diferenças estilísticas entre as duas regiões, do Pacoval e de Camutins, já comprovadas em contextos arqueológicos seguros. Também foram evidenciados outras diferenças, a comprovar em análises incidentes sobre coleções maiores, confrontando artefatos de ambos locais.

Através do testemunho oral de Victor Bandeira entende-se que, na recolha mencionada, a perspectiva colecionista ultrapassa a arqueológica. Assim, foram selecionados objectos de tipologias muito variadas e com uma profusão decorativa notável para representar a cultura marajoara no Museu português. Predominaram, na recolha das peças, os critérios do colecionador, para quem é particularmente relevante a emoção estética sentida diante do objecto, a sua autenticidade, assim como o seu uso no passado. O nosso interesse pela questão do colecionismo estendeu-se numa análise mais aprofundada com o objectivo de ressaltarmos as especificidades das coleções de objetos de "arte primitiva". Nesta prática, muito bem examinada por Baudrillard, sobressai a onipresença da questão temporal e o papel primordial do passado no universo inconsciente dos protagonistas. Outro aspecto importante, relativo à perspectiva da cultura marajoara no presente, é ilustrado pelo fenómeno de manufactura de cerâmica inspirada no estilo da cerâmica da fase Marajoara. Na década de 1970,

iniciou-se entre artesãos da cidade de Paracuri (distrito de Icoaraci, a cerca de 40 km de Belém), um verdadeiro trabalho de reprodução e recriação de peças, por vezes associadas a um significado reinventado. Este artesanato, que se tornou num símbolo identitário do Estado do Pará, exporta-se até Lisboa. Assim, poderemos encontrar peças de estilo marajoara contemporâneo numa loja de arte e artesanato chamada “Jangada Solta”, circunstâncias que participam igualmente na divulgação e no conhecimento desta cultura amazónica.

Temos notícia de numerosos vestígios da cultura marajoara em instituições museológicas, carentes de qualquer contextualização. Por isso, o fato de os acervos estudados estarem associados a determinada realidade geográfica, torna a análise mais pertinente. Nesse sentido, o estudo arqueológico dessas peças tem como objetivo a avaliação das informações que trazem sobre a cultura material das populações da elite social marajoara, assim como das suas práticas funerárias. Essa análise é realizada à luz do conhecimento atual que existe sobre as populações amazónicas do passado, mas também sobre as atuais. Esperamos, de igual modo, que este trabalho possa fornecer um impulso às pesquisas sobre este tipo de coleções que sabemos existirem dispersas em diversos museus espalhados pelo mundo e, por vezes, pouco consideradas do ponto de vista científico.